

Antropologia e Saúde Mental

Soraya Fleischer*

*Professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

1 Uma homenagem [1]

O ano de 2018 foi bastante duro para o Departamento de Antropologia na Universidade de Brasília. Não estou me referindo aos cortes orçamentários e à invalidação generalizada que vem se alastrando em relação à ciência produzida no país. Isso tudo é muito difícil, sem dúvida. Mas faço alusão a algo muito mais dolorido, mais intenso e triste. Refiro-me à partida de dois de nossos jovens estudantes, Letícia da Silva Lisboa (conhecida como Elly) e Wallace Coelho de Souza.

Em junho, do alto da caixa d'água de um grande prédio de salas de aulas no Campus Darcy Ribeiro, Elly lançou-se ao

infinito. O prédio fica localizado logo abaixo do nosso, onde está o Departamento de Antropologia. Era o início da tarde, eu estava entrando para uma reunião de meu grupo de pesquisa e, do mezanino de nosso prédio, podíamos vê-la de pé, vestida toda de preto com seus cabelos azuis sendo soprados pelo vento. Ali ficou firme, por várias horas, sob as tentativas de dissuasão por parte de professoras, colegas, psicólogas e bombeiros. Em julho, Wallace seguiu a mesma decisão a partir da plataforma da Rodoviária, localizada no coração da capital federal. Era o início do dia, eu estava num seminário de Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. A notícia me chegou minutos depois, por mensagem de celular, enviada por uma querida colega de Departamento.

Começo essa apresentação nomeando, lembrando e homenageando a existência de Elly e Wallace. Conecto propositalmente suas vidas com a minha, com a de meu local de trabalho, com a nossa universidade e cidade. Os cabelos azuis



dela, os olhos verdes dele, as suas cores e personalidades que ajudam a marcar a minha memória, que ajudam a vivificar meu luto e pesar. Eram jovens, tiveram vontade de conviver pela universidade, manifestaram interesse pela Antropologia. Compartilharam comigo, com minhas colegas e com as demais estudantes as salas de aula, os gabinetes, as secretarias, o restaurante universitário, as bibliotecas, as lojas de xerox, os ônibus, as calçadas e caminhos arborizados de nosso campus. Estiveram ali e nos ofereceram sua presença e curiosidade pelo mundo. Deixaram suas histórias, certamente deixarão muitas saudades.

2 Uma criação

Notei rapidamente como o abatimento chegou às minhas estudantes. A passagem dos dois colegas era assunto sussurrado pelos corredores, chorado pelos cantos. Difícil falar da partida, ainda mais de suicídio. Nossas fragilidades se expunham coletivamente e com mais força. Eu

não gostaria que o silêncio nem a solidão fossem as únicas formas de sentir tudo isso. Foi então que decidi desenhar um curso sobre saúde mental. Era uma forma, a um só tempo, de abriremos espaço de reflexão, no espírito do que melhor a universidade pode oferecer, e de podermos, sempre que surgisse a necessidade, falar e lembrar de Elly e Wallace, do interesse que eles também tiveram pela Antropologia.

Foi assim que, no segundo semestre de 2018, ofereci uma disciplina pensada a partir do grande quadro da Antropologia da saúde e com um tema mais circunscrito, “Antropologia e saúde mental” [2]. 28 estudantes, 25 moças e 3 rapazes, se matricularam. Optei por não abordarmos o assunto apenas de modo passivo, simplesmente absorvendo o que a área já tinha produzido sobre o tema. Pareceu-me importante também nos movimentarmos, sairmos da sala de aula para perceber, a partir do olhar antropológico, como andava a saúde mental de nossa comunidade universitária. A solução que encon-



trei foi fazer uma pesquisa coletiva dentro dessa disciplina. Por um lado, eu ofereceria à turma a chance de conhecer o assunto de modo teórico e prático e, por outro, também de aprender a realizar uma pesquisa, habilidade importante na formação em Ciências Sociais. Seriam vários aprendizados a um só tempo. Desse modo, perpassamos, desde o início da disciplina, todas as etapas que compõem um projeto de pesquisa que, no caso, foi intitulado pela turma como “Conhecendo o bem-estar mental na UnB”. Esse título já refletiu o amadurecimento de nossas discussões bibliográficas pois, propositalmente, preferimos evitar “doença”, “adoecimento”, “patologia”, “distúrbio”, “anormalidade”, “desvio mental” e termos similares. Todos podem carregar, historicamente, diferentes facetas de estigma, bio/medicalização, discriminação.

Nessa Apresentação, meu objetivo é duplo: descrever a condução dessa disciplina e apresentar o Dossiê que, como principal produto acadêmico da disciplina “Antropologia e saúde

mental”, agora vem a público na revista *Textos Graduados*.

Primeiro, a turma se dedicou a buscar, em vários bancos de dados, diretórios de pesquisa, bases de periódicos, um conjunto de artigos, livros e bibliografia sobre a interface da Antropologia com a saúde mental. Cada estudante se responsabilizou por trazer para a aula três referências anotadas de modo completo em pedaços separados de papel. Na maior parede da sala, fixamos todos esses pedaços em ordem cronológica. Assim, a turma pôde observar como algumas referências foram mais fáceis de encontrar e, dada a repetição, talvez nos indicassem sua centralidade na literatura. Também observamos que, com o passar do tempo, só se ampliou a diversidade de autoras, cenários e focos das pesquisas. Indicando o crescimento do tema dentro da Antropologia, das Ciências Sociais.

Demos um passo para trás, miramos o primeiro resultado de nosso esforço coletivo e, daquele bonito panorama de pedacinhos de papel, fui lhes ajudando a desenhar uma prioridade



de leitura. Era preciso, a um só tempo, que elas conhecessem referências mais clássicas e também contemporâneas; referências anteriores e posteriores à Reforma Psiquiátrica; referências, ao redor do país, das equipes de pesquisa mais antigas que têm se dedicado ao tema e das pesquisadoras mais recentes e jovens na carreira; temas mais e menos estudados e suas respectivas lacunas esperando novos entendimentos e análises etc.

Segundo, propositalmente, eu não levei nada pronto na primeira aula e foi essa lista bibliográfica prioritária que compôs o programa da disciplina (Anexo 1). Todas as demais referências foram anexadas como leitura complementar para quem quisesse se aprofundar posteriormente. Passamos um mês debruçadas sobre essa literatura, sorvendo o que as pesquisadoras haviam escrito antes de nós, registrando os conceitos centrais e conhecendo dados etnográficos provindos de várias partes do país. A turma leu todos os textos e cada estudante se responsabilizou por fichar dois deles e subir os fichamentos para um sistema de

arquivamento virtual (uma “nuvem”, como eles chamam) criado especialmente para o nosso projeto de pesquisa. Disponibilizados dessa forma, toda a turma poderia se beneficiar dos fichamentos. Adotamos um padrão para nomear esses arquivos e para produzir esses fichamentos; eu ia lhes mostrando como a organização dos materiais é passo importante numa pesquisa.

Terceiro, estávamos devidamente informadas por, ao menos, um estado da arte inicial e prontas para discutir questões atuais sobre a saúde mental em nossa universidade, mais particularmente, em nosso campus [3]. Estávamos prontas para começar a pesquisa empírica. A ideia era realizar entrevistas curtas com diferentes pessoas que frequentam o espaço da UnB e compõem a comunidade universitária. Para tanto, a turma passou à formulação da versão inicial de um roteiro de perguntas. Sabíamos que as pessoas teriam somente alguns minutos para conosco conversar, já que muito provavelmente estariam em trânsito ali ao nosso redor.



Então, o roteiro não poderia ser muito longo ou ambicioso. A turma debateu diferentes questões, sua ordem, sua intensidade, suas repercussões, seus possíveis mal/entendimentos.

Decidimos que, antes de qualquer pergunta, seria importante apresentar a cada potencial entrevistada o projeto de pesquisa, a disciplina que o contextualizava, a dupla de entrevistadoras e a professora responsável. Além disso, foi construído um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2) e a ser assinado pelas duas partes. Uma via permaneceria com a pessoa entrevistada e a outra comporia o acervo do projeto. No TCLE, havia meu contato pessoal, como coordenadora do projeto. Também nesse documento, aproveitamos para convidar a interlocutora a vir conhecer os resultados da pesquisa e, por isso, incluímos o dia, horário e sala de aula onde os artigos seriam apresentados ao final do semestre. (Infelizmente, não recebemos a visita de nenhuma das entrevistadas). No verso do TCLE, incluímos uma lista

de contatos de serviços de amparo à saúde mental na UnB, tanto ambulatoriais quanto emergenciais, pois reconhecíamos que o tema poderia, porventura, esbarrar em sensibilidades que precisassem de algum apoio profissional e/ou terapêutico.

Como realizar todas as etapas de uma pesquisa era uma novidade para a grande maioria da turma, eu queria evitar que a solidão lhes paralisasse, frustrasse, desanimasse. Ao contrário, apostei na circulação da ajuda-mútua, da solidariedade e empatia entre as estudantes, também como uma estratégia de fortalecer a saúde mental de cada uma ali. Por isso tudo, a partir do momento das entrevistas, a turma se organizou em duplas, mas incentivei que as discussões sobre as etapas subsequentes da pesquisa também fossem trazidas para a roda na sala de aula. “A aposta geral”, como indiquei no Programa da disciplina, foi “no trabalho coletivo, uma estudante amparando e aprendendo com a outra”.

Assim, em dupla, partiram para pré-testar o instrumento.



Depois do pré-teste, voltamos à sala de aula com vários revezes: algumas respostas das interlocutoras foram evasivas e pouco claras, indicando a imprecisão do roteiro; algumas perguntas se mostraram muito amplas ou muito induzidas, exigindo que comunicássemos melhor nossa intenção; outras informações precisaram ser incluídas etc. Do pré-teste, a turma chegou a uma segunda e mais amadurecida versão do roteiro, com o qual sentiram mais firmeza (Anexo 3). Iam, pouco a pouco, se apropriando do feito e da realização da pesquisa desenhada pelo grupo.

Quarto, utilizando o novo roteiro, 52 entrevistas foram conduzidas ao longo de três saídas de campo, sempre durante o horário da aula. Cada dupla deveria entrevistar duas a três pessoas, sempre alternando entre sexo, cor da pele, idade, grupo de pertencimento (técnicas, professoras, estudantes, visitantes ou trabalhadoras do campus). Visávamos uma diversidade que refletisse minimamente a comunidade da UnB, embora o estudo não tivesse pretensões de representatividade estatística.

Ainda assim, do total, conhecemos: 40 estudantes (38 de graduação e 2 de pós-graduação), 5 servidoras administrativas, 5 profissionais terceirizadas, 2 vendedoras ambulantes e nenhuma professora. O horário de aulas, uma rotina mais intensificada e a hierarquia percebida entre discentes e docentes foram as principais dificuldades para conseguir encontrar, abordar e convidar professoras para participar da nossa pesquisa.

No presente Dossiê, essa ausência do material empírico sobre o corpo docente se reflete no foco que os artigos deram à vivência universitária do corpo discente. O aluna-do, de graduação e pós-graduação, representa cerca de 88% da comunidade da UnB [4]. Portanto, como a maior fatia da comunidade universitária e como o principal público que justifica a missão de uma universidade, julgo ser relevante conhecermos como anda a saúde mental de nossas estudantes na UnB. Das 40 estudantes entrevistadas, 19 eram do sexo feminino, 21, do masculino. Estavam entre os 18 e 31 anos de



idade. Cerca de um terço morava em regiões administrativas mais centrais do Distrito Federal, o que geralmente equivale a uma renda familiar um pouco mais alta. 27 pessoas se autodeclararam pardas ou negras. E as 40 estudantes estavam matriculadas em cursos de todas as áreas, com mais ênfase nas Ciências Humanas e isso pode se dever ao fato de nossa sala de aula estar localizada na porção norte do campus, que concentra os departamentos e espaços das Humanidades.

As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente foram transcritas integralmente pela dupla de estudantes, bem como um diário de campo foi escrito individualmente por cada estudante. Aprendíamos que a gravação pode deixar de fora uma infinidade de elementos e informações não verbais, desde, por exemplo, o gestual e as emoções silenciosas por parte da entrevistada, até as impressões, desconfortos e aprendizados por parte da entrevistadora. Eu lhes mostrava como informações diferentes e potencialmente complemen-

tares constam das transcrições e dos diários de campo. Tudo isso foi disponibilizado na nuvem, com a ressalva de que os diários, sempre tão pessoais, só fossem compartilhados em suas versões editadas, versões em que autora e demais pessoas mencionadas no diário não se sentissem constrangidas de nenhum modo ao serem lidas pelas colegas. Assim, a nuvem nos ajudou a reunir, em um único lugar, os fichamentos dos textos lidos, as sucessivas versões do instrumento de pesquisa, os arquivos de áudio, as transcrições das entrevistas, os diários de campo e depois os artigos científicos.

Quinto, as transcrições e os diários foram lidos e debatidos em sala de aula. Os dados iam nos recordando de textos e autoras que havíamos lido no início do semestre. Por vezes, assemelhavam-se aos resultados publicados pelas colegas de outras universidades; por vezes, percebíamos que nossos dados preenchiam lacunas e sugestões deixadas por elas, numa clara complementação e avanço na produção antropológica. Ao ler o material na íntegra, as duplas conheceram as entrevistas em



profundidade e também em transversalidade e começaram a ensaiar as primeiras análises. Eu também li todas as entrevistas e deixei comentários, sugestões de análises e indicações de trechos particularmente expressivos nas respostas das entrevistadas. Todo esse esforço coletivo contribuiu para que hipóteses, ensaios e reflexões analíticas pipocassem durante nossas aulas.

Sexto, foi a partir dessa intensa troca de ideias que cada dupla começou a desenhar um tema para orientar a escrita do artigo, produto esperado como trabalho final da disciplina. A ideia é que praticassem a escrita do tipo de texto que mais comumente nos é exigido na produção acadêmica. A proposta do tema foi elaborada em uma página. A turma leu e comentou criticamente todas as propostas, o que serviu para amadurecer a ideia central e tornar a escrita mais fortalecida. Em seguida, a dupla escreveu a quatro mãos o artigo, observando o limite de 10 páginas. Sugeri que trabalhássemos inicialmente com um formato reduzido, permitindo ainda algum espaço para que

pudesse crescer diante dos comentários e sugestões que a turma oferecesse na etapa seguinte. Todos esses artigos também subiram à nuvem para que pudessem ser lidos coletivamente.

Sétimo, organizei um cronograma de apresentações nos moldes de um Grupo de Trabalho de um congresso acadêmico. A cada aula, tivemos cinco duplas. Em 15 minutos, cada par de estudantes apresentou como foi desenvolvido o tema do artigo, que recorte empírico foi feito a partir do conjunto de entrevistas, como se desenvolveu o processo de escrita e seus principais resultados. Poderiam optar por diferentes modos de apresentação: uma exposição oral, um conjunto de slides, diagramas desenhados na lousa, um prospecto resumido a ser entregue à turma, por exemplo. Designei um dupla para oferecer feedback a outra, assim todas as estudantes ocuparam diferentes posições, de apresentar, de perguntar, de ouvir, de responder. Eu complementei o debate com questões que não tivessem sido elencadas pela turma. E, por fim, como de costume, o debate foi aberto e a turma toda pôde dirigir perguntas, sugestões e cor-



reções a cada artigo ou na forma de comparações e alinhavos entre eles. Todas nos esforçamos por encontrar pontos em comum, esboçar conceitos mais amplos, conectar as experiências e os dados. Notei que muitas estudantes seguiram minha sugestão de ler essa produção antes das apresentações para melhor conhecer os artigos e desfrutar mais plenamente do debate.

Oitavo, as autoras tiveram tempo para incorporar as ideias que tivessem julgado pertinentes durante nosso “GT” caseiro. Uma vez finalizado o semestre letivo e a disciplina, li e comentei todos os artigos. Escolhi os mais robustos e criativos. As autoras escolhidas tiveram um tempo, durante as férias de verão (2018-2019), para aprimorar seus textos. Eu fiz uma nova leitura dessa versão revisada e sugeri os últimos acertos. Enquanto isso, a *Textos Graduados* tinha muito gentilmente acolhido a proposta do Dossiê e desenhado um cronograma de trabalho para sua publicação. Os artigos, finalizados pelas autoras, foram enviados ao periódico, avaliados por parece-

ristas externos e em regime de duplo-anonimato, devolvidos para revisão final por parte das autoras e, voilá!, publicados.

3 Um Dossiê

O Dossiê que ora apresento é composto por sete peças, a saber: uma carta, cinco artigos e uma entrevista.

Ele é aberto de um modo propositalmente lírico e, ao mesmo tempo, intenso. Julia Leite, ao longo da disciplina “Antropologia e saúde mental”, foi construindo um outro tipo de texto. Seu objetivo foi traduzir sua prolongada experiência com a depressão para ser melhor compreendida pelas suas colegas, mas sobretudo pelas suas professoras. De relato pessoal, esse texto foi transformado em “Carta à Editora da *Revista Textos Graduados*”. Eminentemente em primeira pessoa, ele tem o potencial de nos transportar para bem mais perto do sofrimento mental de nossas estudantes. Temos a chance de ver, sentir e entender um pouquinho melhor como seus estados psíquicos e



afetivos lhes impactam no cotidiano, inclusive aquela porção do dia vivida dentro do campus universitário. Julia é corajosa e generosa ao nos convidar para vislumbrar o seu mundo, apostando que conhecer é o primeiro passo para aceitar, acolher e respeitar.

Em seguida, o Dossiê conta com um conjunto de seis artigos. Ana Beatriz Said e Gabriela Rosa D. de Freitas trazem as diversas e principais causas que foram apontadas pelas 40 estudantes entrevistadas para seu sofrimento psíquico/mental. As autoras elencam e analisam um conjunto de fatores que podem estar afetando negativamente o bem-estar mental dessas pessoas da UnB.

Julia Lucia Helena Lauriola escolheu valorizar a recorrência com que as entrevistadas, de todos os setores da comunidade universitária, mencionaram os meios de transporte utilizados para chegar ao campus. Má qualidade dos veículos e das vias urbanas, horários e paradas desencontradas, má organização da frota para servir quase 50.000 pessoas que precisam chegar aos

quatro campi da UnB foram alguns dos aspectos mencionados. A viagem que essas pessoas precisam empreender para chegar ao local de trabalho e estudos ocupa muitas horas de seu dia. A autora reforça como a saúde mental pode também ser abalada por algo tão cotidiano como a cidade, suas ruas, seus transportes.

Ana Claudia Knihs de Camargo e Gabriel Sousa Gonçalves estiveram sensíveis para o momento em que essa disciplina e essa pesquisa aconteceram. Era justamente o semestre das últimas eleições presidenciais e, para muitos grupos que frequentam diariamente a universidade, os discursos do candidato eleito já eram recebidos com terror e mote de instabilidade da saúde mental. As narrativas analisadas pela dupla nos mostram como esse medo surge, cresce e afeta a convivência no campus.

Os dois últimos textos, deixados propositalmente como fechamento do bloco de artigos, descrevem as atitudes, as estratégias, as formas de atentar e zelar pela saúde mental individual e coletiva. Gabriela Sabadini e Renata Leal



atentaram para as menções feitas pelas entrevistadas sobre os serviços oficiais e a outras formas de apoio ao bem-estar mental que são acessadas dentro ou fora da universidade. Como usuárias desses serviços, elas são uma importante fonte de feedback sobre sua qualidade e limites. Já Fabiana Motta e Flávia Lima apontam para as criativas soluções que têm sido inventadas para estabilizar e cuidar da saúde dentro da universidade. A proposta pretendeu “dar voz às pessoas que vivenciam a universidade, considera[r] também com seriedade as experiências por que elas passam e o que elas têm a contribuir para o bem-estar mental na universidade”.

Uma pessoa que acompanhou o desenho da disciplina “Antropologia da saúde mental” foi o psicólogo e psicanalista Enrique Bessoni. Ele havia sido meu aluno no semestre anterior, numa disciplina que eu havia oferecido no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Também acompanhou de perto a partida de nossos dois estudantes, Elly e

Wallace. E foi com ele que primeiro comecei a trocar ideias sobre essa disciplina que eu desejava oferecer na graduação. Enrique foi central para me ajudar a pensar as delicadezas do tema nesse momento e as cautelas éticas e afetivas necessárias, a identificar uma rede de apoio psíquico disponível na UnB e, inclusive, não esquecer do autocuidado que eu precisava também praticar durante o semestre. Sua experiência clínica, com pacientes em sofrimento mental e vivência de ideação suicida, foram importantes para me amparar na condução da disciplina bem como na convivência diária com minhas estudantes de modo geral. Por conta disso tudo, sugeri que o presente Dossiê ganharia ao conhecer sua trajetória, sua perspectiva sobre o sofrimento mental nesses tempos de fascismo e ultradireita no poder e, mais importante, suas sugestões para não largarmos as mãos umas das outras. Barbara Cristielle Santos Silva e Sasha Santos Batista, duas estudantes que também participaram da disciplina, aceitaram o convite para



entrevistar, transcrever e editar a versão final da entrevista.

No total, 12 estudantes de graduação e um estudante de pós-graduação investiram seus esforços para, ao longo de todo o ano de 2019, produzir esse Dossiê “Antropologia e saúde mental”. Que as informações, opiniões e histórias que as 52 pessoas entrevistadas generosamente compartilharam conosco alarguem o entendimento sobre a nossa comunidade acadêmica. Que a energia e inspiração depositadas nessa caminhada acadêmica continuem a nos encorajar a refletir sobre nosso bem-estar, inclusive em sua face mental, emocional e psíquica, durante os intensos anos de formação e profissionalização. Que essa experiência de pesquisa seja apenas a primeira para essas estudantes, despertando-lhes a curiosidade científica fundamental para as próximas empreitadas intelectuais e investigativas. E, mais do que tudo, que consigamos transformar esse trabalho todo numa singela homenagem aos nossos queridos Elly e Wallace.

Notas

[1] Agradeço às estudantes de graduação que aceitaram a proposta dessa disciplina, a todas as pessoas que concordaram em participar de nossa pesquisa, ao Enrique Bessoni por me insuflar de coragem e à Giovana Tempesta que atentamente leu e ajudou a ajustar o tom dessa Apresentação.

[2] Essa disciplina era do tipo “optatória”, como chamamos informalmente. Não é em si obrigatória, mas, como parte de um conjunto de várias disciplinas temáticas, a estudante deve escolher e cursar um número mínimo dessas disciplinas ao longo de sua graduação. Para se matricular em uma “optatória”, é preciso já ter concluído outras duas disciplinas “obrigatórias” e subsequentes, a saber, “Introdução à Antropologia” e “Teoria Antropológica 1”. Com isso, a turma tinha estudantes localizados no começo (terceiro semestre) e no meio (quarto, quinto, sexto semestre) do curso de graduação em Ciências Sociais.

[3] Embora a UnB conte com quatro campi no território do Distrito Federal, optamos por centrar a nossa pesquisa no campus Darcy Ribeiro, onde está localizado o DAN e a sala de aula onde aconteceu essa disciplina. Reconheço que os resultados sejam parciais e limitados, dando conta apenas de algumas realidades e especificidades próprias desse campus. Mas eu queria que todas as atividades da pesquisa acontecessem



durante o horário da aula (segundas e quartas-feiras, de 14h às 16h), evitando onerar a turma com atividades realizadas extraclasse. Sobretudo, eu quis privilegiar o nosso encontro e o trabalho coletivo e, para tanto, era na sala de aula que a preparação para e o retorno da entrevista deveria acontecer. [4] No ano de 2018, a UnB contou com quase 40.000 estudantes de graduação e quase 9.000 estudantes de pós-graduação (UnB, 2018: 26). Ver o Anuário Estatístico da UnB, http://www.dpo.unb.br/images/phocadownload/unbem-numeros/anuarioestatistico/Anurio_Estatstico_2018.pdf.



ANEXO 1

Departamento de Antropologia/UnB

Antropologia da saúde (135313)

Segundas e quartas-feiras, 14h15 às 15h50 (2018.2)

Profa. Soraya Fleischer (fleischer.soraya@gmail.com)

Onde chegar: A saúde sempre foi um tema na antropologia. Desde seus primórdios, no século XIX, quando médicos se converteram nos primeiros antropólogos (como William R. H. Rivers, por exemplo); folcloristas se interessaram pela saúde popular (Alceu Maynard Araújo e D. Cabral); xamãs e curandeiras/os se converteram em interlocutoras/es centrais das pesquisas (como Quesalid para Claude Levi-Strauss); até mais recentemente quando antropólogos/as foram ajudar a constituir os cursos de saúde coletiva no Brasil (como Ana Maria Canesqui, Maria Cecília Donnangelo); assumir assentos em organismos inter/nacionais da saúde (como Ondina Fachel Leal na OMS, Ximena Pamela Bermudez na OPAS e Dora Porto no CFM); ou construir leis e políticas públicas de saúde (como Debora Diniz no STF). Foram muitos temas cobertos pela antropologia da saúde, até então. Nos últimos 15 anos, a área tem atentado para a saúde mental, já tema de interesse de

outras disciplinas, mas relativamente recente na antropologia. Nesse curso, o objetivo é conhecermos, lendo e fazendo, como a saúde mental pode se tornar um tema dentro da área e como a antropologia pode contribuir para elencar fenômenos muito atuais sobre a saúde mental e avançar nesse caminho.

Como chegar: Passaremos um tempo buscando, lendo, discutindo e escrevendo sobre um conjunto recente de textos sobre o tema da saúde mental, para conhecer o estado da arte da antropologia brasileira nesse sentido. Depois, construiremos um experimento de pesquisa sobre saúde mental no campus Darcy Ribeiro/UnB tanto para conhecer e avaliar os serviços disponíveis e demandados de saúde mental quanto para aprender como desenhar e executar uma pesquisa coletiva.

Como avaliar onde e como se chegou: A sala de aula será um espaço de encontro central, onde muito do conhecimento será produzido coletivamente. Muitas aulas gerarão produtos para a continuidade do curso. Algumas atividades serão feitas em casa, como a leitura, a escrita, a reflexão etc., e serão trazidas para a sala de aula na forma de outros produtos, que também vão contribuir para o curso avançar. A aposta é no trabalho coletivo, uma estudante amparando e aprendendo com a outra.



Os produtos serão: busca bibliográfica, resenha bibliográfica, roteiro de perguntas, observação, tabulação de dados, transcrição de entrevistas, diários de campo, proposta de tema de trabalho final, trabalho final e seminário de apresentação dos trabalhos finais. A menção final na disciplina será composta da seguinte maneira:

- Presença, participação e contribuição para uma boa convivência: 25%
- Pequenos produtos (busca bibliográfica, resenha bibliográfica, roteiro de perguntas, observação, tabulação de dados, transcrição de entrevistas, diário de campo): 50%
- Grandes produtos (proposta de tema de trabalho final, trabalho final e seminário de apresentação dos trabalhos finais): 25%

Meses	Datas	Atividades
Agosto	15 e 20/08	Conhecer a turma e a professora e considerar a ideia e o programa
	22/08	Busca e planejamento bibliográficos
Setembro	27 e 29/08, 03 e 05/09	Leituras: textos clássicos sobre saúde mental na antropologia brasileira

Meses	Datas	Atividades
	10, 13, 17 e 19/09	Leituras: textos contemporâneos sobre saúde mental na antropologia brasileira
	24/09	Leituras: textos contemporâneos sobre saúde mental na antropologia brasileira
	26/09	Escrita da revisão bibliográfica
Outubro	01/10	
	03/10	
	08/10	Entrega e leitura cruzada da revisão bibliográfica
	10/10	Discussão da revisão bibliográfica
	15/10	Preparo do roteiro de pesquisa
	17/10	Pesquisa de campo – Etapa 0, pré-teste do roteiro de pesquisa



Meses	Datas	Atividades
	22/10	Avaliação e ajuste do pré-teste do roteiro de pesquisa
	24/10	Pesquisa de campo – Etapa 1
	29/10	Pesquisa de campo – Etapa 1
	31/10	Avaliação da pesquisa de campo – Etapa 1
Novembro	5/11	Transcrição/Tabulação dos dados da Etapa 1
	7/11	Discussão dos dados à luz dos textos lidos e revisados
	12 e 13/11	Discussão dos dados à luz dos textos lidos e revisados
	14/11	Apresentação dos temas do trabalho final (um parágrafo)
	19/11	Entrega e leitura cruzada da primeira versão do trabalho final

Meses	Datas	Atividades
	21 e 26/11	Seminário de apresentações da versão final do trabalho final
	28/11	Avaliação do curso

Cronograma de leituras

1 CLÁSSICOS

FOUCAULT, Michel. O nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994 [1963].

GOFFMAN, Irving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 2014 [1974].

EISENBERG, Leon. “The social construction of mental illness”. *Psychological Medicine* 18, 1988, pp. 1-9.

2 REFORMA PSIQUIÁTRICA BRASILEIRA

AMARANTE, Paulo. Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

PITTA, Ana Maria Fernandes. “Um balanço da reforma psiquiátrica brasileira: instituições, atores e políticas”. *Ciência e saúde coletiva* 2011, 16(12), pp.4579-4589. <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n12/02.pdf>



3 CLÁSSICOS BRASILEIROS

27/08: VENANCIO, Ana Teresa A. e CASSILI, Janis Alessandra P. “A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil”. Espaço Plural XI(22), 2010, pp. 24-34. erevista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/4831/3699

29/08: DUARTE, Luiz Fernando Dias. “A outra saúde: mental, psicossocial, físico-moral?”. In ALVES, Paulo César e MINAYO, Maria Cecília de Souza (Orgs.). Saúde e doença: Um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994, pp. 83-91. <https://static.scielo.org/scielobooks/t dj4g/pdf/alves-8585676078.pdf>

DUARTE, Luiz Fernando Dias. “Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença”. Ciência e saúde coletiva 8(1), 2003, pp.173-183. <http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n1/a13v08n1.pdf>

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Da vida nervosa (nas classes trabalhadoras urbanas). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

RUSSO, Jane. “Uma leitura antropológica do mundo psi”. Mnemosine 1(0), 2004, pp. 38-43. http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/viewFile/19/pdf_5

03/09: RABELO, Miriam Cristina. “Narrando a doença mental no Nordeste de Amaralina: relatos como realizações práticas”. In RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César; SOUZA, Iara Maria. Experiência de doença e narrativa. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999, pp. 75-88.

ALVES, Paulo César. “O discurso sobre a enfermidade mental”. In ALVES, Paulo César e MINAYO, Maria Cecília de Souza (Orgs.). Saúde e doença: Um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994, pp. 91-100. <https://static.scielo.org/scielobooks/t dj4g/pdf/alves-8585676078.pdf>

CAROSO, CARLOS; RODRIGUES, NÚBIA; ALMEIDA-FILHO, Naomar. “Manejo comunitário em saúde mental e experiência da pessoa”. Horizontes Antropológicos, 4(9), 1998, pp. 63-83. <http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0063.pdf>

CAROSO, CARLOS; RODRIGUES, NÚBIA. “Doença mental crônica e tecnologias comunitárias de manejo terapêutico”. In Carlos Caroso (Org.). Cultura, tecnologias em saúde e medicina: perspectiva antropológica. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 199-213.

05/09: SILVEIRA, Maria Lucia da. O nervo cala, o nervo fala: a linguagem da doença. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.



MALUF, Sonia; TORNQUIST, Carmen Susana. “Nervos e nervosas no contexto das aflições contemporâneas: entrevista com Maria Lucia da Silveira”. In S. MALUF, S. W.; TORNQUIST, C. S. (Orgs.). *Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010, pp. 441-457. http://transes.paginas.ufsc.br/files/2014/10/GENERO-SAÚDE-AFLICAÇÃO_livro.pdf

HITA, Maria Gabriela. “Identidade feminina e nervoso: Crises e trajetórias”. In ALVES, P.C.; e RABELO, M.C. (Orgs.). *Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Relume Dumará, 1998, pp. 179-213. books.scielo.org/id/by55h/pdf/alves9788575414040.pdf

4 SERVIÇOS DE SAÚDE MENTAL

10 e 12/09: CARDOSO, Marina. “Psiquiatria e antropologia: notas sobre um debate inconcluso”. *Ilha Revista de Antropologia*, 4(1), 2002, pp. 85-113. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15033/15652>

ANDRADE, Ana Paula Müller de e MALUF, Sônia Weidner. “Loucos/as, pacientes, usuários/as, experientes: o estatuto dos sujeitos no contexto da reforma psiquiátrica brasileira”. *Saúde em debate* 41(112), 2017, pp. 273-284. <http://www.scielo.br/>

[pdf/sdeb/v41n112/0103-1104-sdeb-41-112-0273.pdf](http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v41n112/0103-1104-sdeb-41-112-0273.pdf)

SILVEIRA, Luana da; NUNES, Mônica de Oliveira. “Para além e aquém de anjos, loucos ou demônios: CAPS e pentecostalismo em análise”. *Polis e Psique*, 3(1), 2013, pp. 119-141. <http://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/41767/26492>

VIEIRA FILHO, Nilson Gomes. “A clínica psicossocial e a atenção de cuidados religiosos ao sofrimento psíquico no contexto da Reforma Psiquiátrica Brasileira”. *Psicologia: Ciência e profissão* 2005, 25(2), pp. 228-239. <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v25n2/v25n2a06.pdf>

NUNES, Mônica de Oliveira. “Interseções antropológicas na saúde mental: dos regimes de verdade naturalistas à espessura biopsicossociocultural do adoecimento mental”. *Interface* 16(43), 2012, pp. 903916. <http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n43/aop4812.pdf>

SARETTA, Mario. “A verdade que está aqui com a gente quem é capaz de entender?” Uma etnografia em um hospital psiquiátrico. In: FERREIRA, Jaqueline; FLEISCHER, Soraya. (Orgs.). *Etnografias em serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Garmond, 2014, pp. 57-80.

SARTORI, Licy. “A política do caso no Serviço Residencial Terapêutico: uma experiência de ressocialização de pacientes psiquiátricos, em Campinas/SP”. *Ciências Hu-*



manas e Sociais em Revista, 36, 2014, pp. 68-80. <http://www.ufrj.br/SEER/index.php?journal=chsr&page=article&op=view&path%5B%5D=1028&path%5B%5D=1360>
RIBEIRO NETO, Pedro Machado; AVELLAR, Luziane Zaccché; BONOMO, Mariana. “Etnografia e desinstitucionalização da loucura: um estudo no contexto das residências terapêuticas”. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 8(17), 2016, pp. 57-77. <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/viewFile/3380/4426>

PACHECO, Maria Eniana Araújo Gomes; DE ANDRADE, João Tadeu. “Concepções em redução de danos no projeto Consultório de Rua: práticas na saúde mental”. *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*, 14(2), 2017, pp. 57-74. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/18071384.2017v14n2p57/34030>

MONNERAT, Silvia. “Relatos sobre suicídio e vozes: um estudo etnográfico”. *Revista Equatorial, Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, 4, 2018, pp. 161-173. https://www.incubadora.ufrn.br/index.php/equatorial/article/view/1754/pdf_1

5 RECORTES

17/09: Gênero MARTIN, Denise; CACOZZI, Aline; MACE-

DO, Thaise e ANDREOLI, Sergio Baxter. “Significado da busca de tratamento por mulheres com transtorno depressivo atendidas em serviço de saúde público”. *Interface*, 16(43), 2012, pp. 885-899. <http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n43/a03v16n43.pdf>

ARÁN, Marcia; MURTA, Daniela. “Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde”. *Physis*, 2009, 19(1), pp. 15-41. <http://www.scielo.br/pdf/physis/v19n1/v19n1a03.pdf>

DINIZ, Debora; BRITO, Luciana. “Eu não sou presa de juízo, não: Zefinha, a louca perigosa mais antiga do Brasil”. *História, Ciências, Saúde* 23(1), 2016, pp. 113-129. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v23n1/0104-5970-hcsm-23-1-0113.pdf>

MALUF, Sonia. “Gênero, saúde e aflição: políticas públicas, ativismo e experiências sociais”. In: MALUF, Sonia; TORNQUIST, Carmen Susana. (Orgs.). *Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010, pp. 21-67. http://transes.paginas.ufsc.br/files/2014/10/GENEROSAUDEAFLICAO_livro.pdf

MOTA, Mirella de Lucena. *Violência contra as mulheres e saúde mental: Silenciamentos e invisibilidade do sofrimento de usuárias na atenção primária à saúde em Recife*. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública, Universidade Federal de Pernambuco, 2018.



tação [Mestrado em Psicologia]. Recife: UFPE, 2017.

19/09: Raça WERNECK, Jurema. “Racismo institucional e saúde da população negra”. *Saúde e sociedade* 25(3), 2016, pp. 535-549. <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n3/1984-0470-sausoc-25-03-00535.pdf>

LUDGERO, Lucas. *Sob a pele: Relatos sobre os efeitos do racismo na saúde mental*. Brasília: UnB, 2017. http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19678/2/2017_LucasdeLacerdaLudgero_Produto.pdf

ALELUIA, Rejane. “Minha história em saúde mental” e APARECIDA, Elisabete. “A saúde mental da população negra”. In WERNECK, Jurema (Org.). *Saúde das mulheres negras: Nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

CHAVES, Marjorie. “Terceirização dos serviços de limpeza: vivências de sofrimento de mulheres negras trabalhadoras diante do trabalho”. 2014. sndd2014.eventos.dype.com.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=4119

OLIVEIRA, Felipe França de; ODEH, Muna Muhammad. “Estudo de utilização de medicamentos à luz das variáveis de gênero, raça/cor e etnia em um centro de atenção psicossocial do Distrito Federal, Brasil”. *Tempus, Actas de saúde coletiva*, 11(3), pp. 104-114, 2017. <http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/2459/1844>

OLIVEIRA, Fátima. *Saúde da população negra: Brasil ano 2001*. Brasília: Organização PanAmericana de Saúde, 2003. SILVA, Maria Lúcia. “Racismo e os efeitos na saúde mental”. In: BATISTA, Luis Eduardo; KALCKMANN, Suzana. *Seminário da População Negra*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005, pp. 129-132.

24/09: Etnia VIANNA, João Jackson Bezerra; CEDARO, José Juliano; OTT, Ari Miguel Teixeira. “Aspectos psicológicos na utilização de bebidas alcoólicas entre os Karitiana”. *Psicologia e Sociedade* 24(1), 2012, pp. 94-103. <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/11.pdf>

BATISTA, Marianna. *Saúde mental indígena: um desafio interdisciplinar*. Monografia [Bacharelado em Psicologia]. Brasília: UniCEUB, 2010. repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2699/2/20460878.pdf

PECHINCHA, Monica. “Aportes da etnografia sul-americana ao entendimento dos suicídios indígenas. Uma tentativa de síntese a partir de noções divergentes de psique/alma”. *Anuário Antropológico*, 43(1), 2018, pp. 223-256. periodicos.unb.br/ojs311/index.php/anuarioantropologico/article/view/9317/8940



26/09: Geração NAKAMURA, Eunice e SANTOS, José Quirino dos. “Depressão infantil: abordagem antropológica”. *Revista de Saúde Pública* 41(1), 2007, pp.53-60. <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n1/5092.pdf>

CAVESTRO, Júlio de Melo e ROCHA, Fabio Lopes. “Prevalência de depressão entre estudantes universitários”. *Jornal brasileiro de Psiquiatria*, 2006, 55(4), pp.264-267. <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v55n4/a01v55n4.pdf>

Literatura/Cinema/Jornalismo:

ARBEX, Daniela. *Holocausto brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ASSIS, Machado de. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1996 [1882].

BARRETO, Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014 [1911].

BUENO, Austregésilo C. *Canto dos malditos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004 [1990]. [Livro no qual se baseou o filme *Bicho de sete cabeças*].

CALIMERIS, Georgiana. *A biblioteca de Alexandria: A andarilha das estrelas*. Brasília: Independently Published, 2017.

FARIAS, Walter e SONIM, Daniel Navarro. *O capa-branca: De funcionário a paciente de um dos maiores hospitais*

psiquiátricos do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

KAYSEN, Susanna. *Garota, Interrompida*. São Paulo: Editora Gente, 2013.

KIERNAN, Caitlín R. *A menina submersa: memórias*. Tradução de Ana Resende e Carolina Caires Coelho. São Paulo: Darkside Books, 2016.

SABINO, Fernando. *O grande mentecapto*. Rio de Janeiro: Record, 1994 [1979].

SARETTA, Mario. *Epidemia de cores*. Documentário. Porto Alegre, 2016.



ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado/a para participar da pesquisa “Conhecendo o bem-estar mental na UnB”, sob a responsabilidade da Profa. Soraya Fleischer, que nesse semestre está à frente da disciplina “Antropologia da Saúde”, do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

Essa pesquisa é uma das tantas atividades realizadas na disciplina, constituindo apenas um experimento pedagógico pontual para aprender sobre as etapas de uma pesquisa, a construção de dados empíricos, o trabalho coletivo. O objetivo desta pesquisa é compreender alguns fenômenos que podem estar relacionados com o bem-estar mental de estudantes, professores/as, técnicos/as e visitantes que frequentam a universidade. Espera-se poder contribuir com as práticas de cuidado dentro da UnB.

A pesquisa acontecerá por meio de entrevistas a serem realizadas pelos/as estudantes matriculados/as nessa disciplina. As entrevistas serão anotadas e/ou gravadas em áudio. Essas gravações serão transcritas para facilitar a leitura e análise

dos dados.

Sua participação é voluntária e sem a previsão de qualquer remuneração. Você é livre para recusar-se a participar a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar em qualquer penalidade ou perda de benefícios. Sua participação nessa pesquisa não implica em riscos. Não serão registradas informações que possam lhe identificar (como nome, matrícula, e-mail etc.). Você permanecerá anonimizado/a e os dados serão analisados em conjunto. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda da professora responsável.

Os resultados serão apresentados na forma de pequenos ensaios escritos pelos/as estudantes da disciplina nas aulas de 21 e 26/11/2018, de 14 às 15h50 na sala PJC/076, Campus Darcy Ribeiro. Você é muito bem-vindo/a para assistir e discutir os resultados da pesquisa conosco. Os resultados também poderão ser publicados posteriormente em periódicos científicos.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa e/ou se você quiser receber os resultados da mesma posteriormente, você pode contatar a professora responsável pelo e-mail soraya@unb.br

Assim, a partir de todos esses esclarecimentos, go-



staríamos de saber se você tem interesse e disponibilidade de cooperar com essa pesquisa. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com você e a outra com o/a pesquisador/a.

Rubrica do/a participante

Assinatura do/a pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____



ANEXO 3

Departamento de Antropologia/UnB
Antropologia da saúde mental (135313)
Profa. Dra. Soraya Fleischer

Pesquisa coletiva “Conhecendo o bem-estar mental na UnB”

****CUIDADOS IMPORTANTES:** auto-apresentação tranquila do/da pesquisador/a, do curso e da pesquisa; privacidade e hierarquia de trabalho do/da entrevistado/a; apresentação do TCLE; aceitação da negativa em participar ou em gravar.

BLOCO 1: Introdução

1. Gênero: F/M/Outro
2. Idade
3. Cor de pele (autodeclaração)
4. Cidade de moradia
5. Você cuida de alguém? Tem filhos?
6. Há quanto tempo você frequenta a universidade? Por quantas horas por dia você frequenta a universidade?
7. Turno: M/V/N
 - a. Em que curso/centro de custo está?

- b. Por que decidiu fazer esse curso/concurso/seleção?
- c. Você se sente satisfeito com esse curso/posto de trabalho?
- d. Em que semestre está?/Há quanto tempo trabalha aqui?
- e. Trabalha além de estudar?

BLOCO 2: Universidade

1. Como é a sua relação com a UnB e com as pessoas daqui? A sua relação com a universidade mudou ao longo do tempo?
2. Você sente que tem vínculos e é acolhido/a aqui? E nessas relações, você sente que encontra apoio?
3. Qual seu meio de transporte para chegar aqui? Isso afeta a sua relação com a universidade de alguma forma?
4. Há situações/condições/relações na universidade que podem tornar a vida mais difícil? Poderia dar exemplos que aconteceram com você ou com pessoas próximas a você?
 - a. Você acha que há diferença de tratamento com as pessoas aqui dentro?
 - b. Você já presenciou situações de discriminação aqui na universidade? (Se precisar explicar: discriminação racial, de orientação sexual, de gênero, de classe social, de etnia, de geração, de local de moradia, de posicionamento político, por



ser mãe/pai etc.).

c. Como esse momento eleitoral influencia sua permanência aqui na universidade?

BLOCO 3: Problemas

1. Você acha que a universidade pode afetar o bem-estar mental das pessoas?
2. (Se/Quando afeta) Como você chamaria esse tipo de sentimento/experiência? (CATEGORIA)
3. Para você, quais são os principais fatores que podem provocar isso?

BLOCO 4: Redes de apoio

1. Você conhece pessoas que têm tido experiências nesse sentido? (usar a CATEGORIA que tiver aparecido no BLOCO 3)
2. Se conhece, que tipo de ajuda essas pessoas têm procurado? (pessoas, instituições, tratamentos etc.).
3. A universidade também oferece formas de apoio para esses casos, na sua opinião?
 - a. Se sim, sobre quais formas de apoio você já ouviu falar?
 - b. Se não, quais você acha que deveriam ser essas formas de apoio?

4. Como os/a professores/as, orientadores/as, coordenadores/as, funcionários/as poderiam ajudar mais nesses casos?
5. Que tipo de apoio deveriam receber as pessoas que sofrem algum tipo de discriminação aqui dentro?
6. O que poderia tornar a vida mais fácil e/ou mais agradável aqui dentro?

BLOCO 5: Finalização, agradecimento e despedida

1. Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre a entrevista e/ou sobre algum ponto que não foi abordado por nós?
2. Peça à pessoa para assinar o TCLE, agradeça pela participação e convide-a para conhecer os resultados se houver interesse.

